

Rosa Maria Neves Simas
(Coord.)

A VEZ E A VOZ DA MULHER
RELAÇÕES E MIGRAÇÕES



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

CONGRESSO INTERNACIONAL “A VEZ E A VOZ DA MULHER”,
6, Ponta Delgada, 2014

A vez e a voz da mulher : relações e migrações / VI Congresso Internacional
“A Vez e a Voz da Mulher” ; coord. Rosa Maria Neves Simas. – (Extra-colecção)
ISBN 978-989-689-449-8

I – SIMAS, Rosa, 1950-

CDU 305

Título: A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações

Coordenação: Rosa Maria Neves Simas

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Raquel Ferreira

Depósito legal n.º 384 055/14

Lisboa, Dezembro de 2014

COORDENAÇÃO

ROSA MARIA NEVES SIMAS

COMISSÃO CIENTÍFICA

ÁLVARO BORRALHO

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

IRENE VAQUINHAS

Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Instituto Universitário de Lisboa

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA

Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores
University of British Columbia, Canadá

JOSÉ MACHADO PAIS

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

JOSÉ MANUEL VIEGAS

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Instituto Universitário de Lisboa

MARIA BEATRIZ ROCHA TRINDADE

Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais
Universidade Aberta

ROSA CABECINHAS

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho

COMISSÃO ORGANIZADORA

ROSA MARIA NEVES SIMAS

Departamento de Línguas e Literaturas Modernas
Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

LICÍNIO VICENTE TOMÁS

Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais
Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

SUZANA NUNES CALDEIRA

Departamento de Ciências da Educação
Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores

ÍNDICE

INTRODUÇÃO – Rosa Maria Neves Simas.....	11
--	----

PARTE 1 – VOZES DE MULHERES: DA ORALIDADE À ESCRITA

<i>Memória e subjetividade: As venturas e desventuras de uma emigrante portuguesa</i> Roseli Boschilia	19
<i>Múltiplos olhares de uma mulher negra em Portugal</i> Sângela Hilarino	33
<i>Quando a literatura retrata a diáspora portuguesa em França: O caso de Nita Climaco</i> Isabelle Simões Marques	47
<i>Ana Fontes: Uma vida suspensa de muitas pontes</i> Maria Aida Costa Baptista.....	59
<i>Quem tem medo de Alice Moderno?</i> Cassilda Teixeira Pascoal	71
<i>Frances Dabney e Samuel Longfellow: A natureza dos Açores numa perspetiva feminista e ecocrítica</i> Rosa Maria Neves Simas	83

PARTE 2 – COMUNICAÇÃO: DA CARTA À INTERNET

<i>Elos de tinta e papel: A presença feminina na correspondência entre e/imigrantes portugueses</i> Maria Izilda Santos de Matos	99
<i>A presença da Mulher na Internet</i> Isaura Ribeiro	113

As mães no uso das novas tecnologias pelas crianças:

Protagonismo feminino num universo masculino?

Ana Matias Diogo..... 125

PARTE 3 – TRADIÇÕES, ARTES E SABERES

A questão de género nas romarias quaresmais de São Miguel

Carmen Ponte 141

Coroa e bandeira: Mulheres e Homens nas Festas do Espírito Santo no Canadá

Ilda Januário 155

Artes e saberes artesanais das imigrantes luso-canadianas: Que futuro?

Manuela Marujo 169

PARTE 4 – RETRATOS DE MULHERES: DA MÚSICA À ESCRITA

Os Discursos (re)produzidos sob o género feminino na música

Iran Leitão Nunes & Walkíria França Martins 185

Representações da mulher na imprensa regional açoriana:

O caso do Açoriano Oriental e do Correio dos Açores

Ana Cristina Correia Gil & Dominique Faria..... 195

A representação das mulheres na deportação

Ana Teresa Alves 207

Gatas Borracheiras emancipadas? Representações de mulheres em duas revistas femininas portuguesas

Leonor Sampaio da Silva..... 217

PARTE 5 – VIOLÊNCIA: DO ESPAÇO FAMILIAR À PRISÃO

As mulheres enquanto vítimas de violência: O caso de São Miguel no século XIX

Susana Serpa Silva 231

Espaços de amor e crime: Violência doméstica em Lídia Jorge e Inês Pedrosa

Deolinda M. Adão 245

*Perspetivas sobre o futuro em mulheres com experiência
de violência conjugal*

Suzana Nunes Caldeira & Graciete Freitas 253

Reclusão feminina e processos de reconfiguração familiar

Rafaela Granja, Manuela Cunha & Helena Machado 269

PARTE 6 – MIGRAÇÃO, TRABALHO E QUALIFICAÇÃO

Género, identidade e maternidade em famílias na diáspora

Natália Ramos 285

Migrações qualificadas femininas: Desafios e oportunidades

Maria da Conceição Pereira Ramos..... 301

A Arte de ser Maria: Histórias de trabalho, Histórias de vida

Lená Medeiros de Menezes 317

*As Mulheres que trabalham com fios: Um conhecimento forjado
desde as margens*

Amanda Castro & Edla Eggert 329

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA IMPRENSA REGIONAL AÇORIANA: O CASO DO *AÇORIANO ORIENTAL* E DO *CORREIO DOS AÇORES*

Ana Cristina Correia Gil & Dominique Faria

Universidade dos Açores, Portugal
anagil@uac.pt – dominquefaria@uac.pt

A Mulher na Comunicação Social

A “vez” e a “voz” da mulher na sociedade contemporânea assumem, neste século, variadíssimas formas. Desde a mulher submissa e reprimida à mulher emancipada e autónoma, muitas são as cambiantes da figura feminina que encontramos no mundo que nos rodeia. A Comunicação Social tem um papel fundamental quer na formação e consolidação da(s) imagem(s) da mulher contemporânea, quer na sua disseminação pela sociedade. Estas imagens mediatizadas confluem frequentemente na formação de estereótipos que se perpetuam no tempo e que contribuem para uma visão tipificada do mundo.

Entre os vários organismos internacionais que se têm dedicado à investigação e à promoção do papel e da imagem da mulher nos meios de comunicação social destacam-se as Nações Unidas, cujo estudo de 2003 sobre a presença da mulher nos *mass media* aponta precisamente para a pouca representatividade destas:

In 2000 a study covering 70 countries around the world showed that women accounted for just 18 per cent of people in the news. Women were the central focus of only 10 per cent of stories, and even these were rarely concerned with women’s role in or views about social, economic or political matters. Many portrayed women in limited, stereotyped ways and most failed to present women’s perspectives or points of view on subjects that affect women directly. The invisibility of women in media content raises fundamental questions about freedom of expression and the right to communicate (Nações Unidas, 2003).

A crescente importância que esta questão tem assumido em todo o mundo reflecte-se também em Portugal, onde alguns estudos têm já vindo a ser feitos

sobre a representação da mulher nos meios de comunicação social portugueses¹. Em geral, as conclusões a que chegam pouco diferem daquelas descritas no texto divulgado pelas Nações Unidas.

Neste artigo propomo-nos analisar o modo como a mulher é representada na imprensa regional açoriana, nomeadamente nos jornais diários *Açoriano Oriental* (AO) e *Correio dos Açores* (CA), os de maior tiragem nos Açores². Centramo-nos no texto noticioso (notícias, entrevistas, perfis, reportagens), contemplando a análise o texto propriamente dito (incluindo uma atenção à titulação), bem como a imagem que o ilustra. Foram analisadas todas as edições do período de 15 de Fevereiro a 15 de Março de 2013, nas quais fizemos o levantamento de todas as peças jornalísticas que envolvem mulheres, seja falando directamente sobre elas, seja usando-as como fonte ou como imagem ilustrativa. Em termos da análise que efectuámos, constatamos que existe uma grande disparidade quanto ao número de notícias dos dois jornais que mencionam mulheres: no *Correio dos Açores* detectamos 137 peças e no *Açoriano Oriental* apenas 71.

Os artigos de opinião e os editoriais foram excluídos, uma vez que veiculam perspectivas essencialmente individuais. De igual modo, os suplementos do *Açoriano Oriental* não foram analisados, pois o seu conteúdo não é elaborado pelos jornalistas deste órgão de Comunicação Social. A título de curiosidade, podemos, no entanto, adiantar que o número de cronistas do sexo feminino é muito superior no *Açoriano Oriental* – cerca de nove num total de 40 – em comparação com o *Correio dos Açores*, em que há somente uma mulher que assina artigos de opinião. Ainda que apresente mais mulheres cronistas, há no *Açoriano Oriental* um claro desequilíbrio entre os dois géneros, correspondendo as mulheres apenas a 22,5% dos cronistas. Já as equipas redactoriais dos dois jornais apresentam um número semelhante de jornalistas de cada sexo: o *Açoriano Oriental* tem duas jornalistas mulheres e cinco homens, enquanto o *Correio dos Açores* tem quatro jornalistas homens e três mulheres.

Representações da Mulher no *Açoriano Oriental* e no *Correio dos Açores*

Numa perspectiva global, tanto num jornal como no outro a mulher é representada muito menos vezes do que o homem e é muito raro os temas serem directamente relacionados com mulheres. Em muitos casos, a mulher assume o lugar de protagonista da notícia apenas devido ao seu estatuto na sociedade, nomeadamente por ocupar cargos cimeiros em instituições públicas e privadas:

¹ Cf. Cerqueira (2010) e (2008), Cerqueira & Cabecinhas (2012), Cunha *et al* (2002), Lobo & Cabecinhas (2007), Monteiro & Policarpo (2002) Mota-Ribeiro (2005), Pinto-Coelho & Mota-Ribeiro (2005a) & (2005b), Silveirinha (2004).

² O *Açoriano Oriental* com cerca de 5000 exemplares e o *Correio dos Açores* com 4600.

isto acontece em 32,4% dos artigos no *Açoriano Oriental* e em 36,5% dos artigos do *Correio dos Açores*. É o caso de membros do Governo Regional (Secretárias Regionais e Directoras Regionais), representantes de partidos políticos, e presidentes ou responsáveis de instituições diversas (associativas, de solidariedade social, etc.). Assumem também centralidade nas notícias e nas entrevistas mulheres que se destacam em áreas específicas, como a educação, o desporto, a saúde e a arte, assim como figuras agraciadas com qualquer tipo de prémio.

Segundo Maria João Silveirinha (2009: 7), a mulher não é retratada nos meios de comunicação como “desempenhando papéis activos na política, no trabalho e nos temas da vida comum” e enquanto o não for não poderá assumir esses mesmos papéis na vida em sociedade. O nosso levantamento parece sugerir que algo terá mudado, nomeadamente na sociedade açoriana, na qual as mulheres assumem algum protagonismo na esfera pública e surgem em muitos cargos cimeiros, quer na área política, quer na administração pública.

Este estudo demonstra assim que estas mulheres ganham relevo pelo cargo que desempenham e não enquanto indivíduos comuns. De facto, no que se refere à representação da mulher enquanto comum cidadã, ela é geralmente evocada ou chamada a dar o seu testemunho quando os temas são da esfera mais doméstica e/ou familiar. Assim, as peças jornalísticas que têm por tema a crise económica vivida em Portugal nestes últimos anos incluem geralmente vários testemunhos de mulheres, que se pronunciam sobre as soluções que encontram para superar a crise e para proteger a família das adversidades. Embora encontremos um artigo que se insere nesta categoria no *Açoriano Oriental* (“Jovens do Nordeste forçados a emigrar”, AO, 1-4-2013), é o *Correio dos Açores* que mais frequentemente explora esta temática, apresentando sistematicamente testemunhos, opiniões e fotografias de mulheres para ilustrar o tema. No nosso levantamento assinalámos oito artigos que se inserem nesta categoria³.

Como afirma Liesbet van Zoonen (1994: 51), muito possivelmente as mulheres são mais representadas na esfera doméstica e familiar por serem estas as áreas a que tradicionalmente sempre estiveram associadas: “To a substantial degree women tend to prevail in those areas that can be seen as an extension of their domestic responsibilities: in children’s and educational media, programmes or sections; in consumer and domestic programmes; in human interest and feature sections of newspapers; in entertainment programming, etc.”

³ “Solidariedade mata a fome entre vizinhos” (CA, 14-4-2013), “Duas irmãs compram porcos a meias para sobreviverem” (CA, 7-4-2013), “Jovens do Nordeste estão a procurar melhor vida no Reino Unido” (CA, 2-4-2013), “Santo António sente-se riscado do mapa” (CA, 31-3-2013), “Comida na mesa e “não viver para o luxo” são duas formas de enfrentar a crise” (CA, 7-3-2013), ““Desilusão e revolta’ saem hoje à rua.” (CA, 2-3-2013), “Governantes que não sabem gerir o dinheiro público são ‘os culpados desta crise’ diz gente de Ponta Garça” (CA, 24-2-2013), “Novas situações exigem novas respostas. Casa do Povo da Fajã de Baixo” (CA, 21-2-2013).

Esta observação também funciona no sentido contrário: a mulher surge menos frequentemente em artigos sobre temáticas a que tradicionalmente não está associada. A criminalidade é disso um bom exemplo. Verificamos assim que, em ambos os jornais, a mulher surge mais frequentemente no papel de vítima do homem (quatro artigos no *Açoriano Oriental*⁴ e cinco no *Correio dos Açores*⁵) e muito raramente como autora de um crime (apenas uma notícia no *Açoriano Oriental*⁶ e duas no *Correio dos Açores*⁷). Esta tendência é confirmada na notícia do *Açoriano Oriental* “Açores entre as zonas mais violentas do país” (AO, 22-2-2013), cujo conteúdo não está directamente relacionado com mulheres, nem sequer as menciona, mas é ilustrada por uma fotografia de uma mulher, sentada, encolhida e descalça.

Em contrapartida, as profissões da área da saúde são geralmente representadas por mulheres. Esta tendência é mais evidente no *Correio dos Açores* do que no *Açoriano Oriental*, onde encontramos apenas uma fotografia de uma farmacêutica a ilustrar a notícia “Metade das farmácias com dívidas aos fornecedores” (AO, 7-3-2013). No *Correio dos Açores*, três notícias sobre questões de saúde são ilustradas por fotografias de profissionais de saúde (médicas e enfermeiras) do sexo feminino⁸. A secção “Saúde” do *Correio dos Açores* contém sempre muitos artigos sobre temas variados, que não se aplicam apenas ou preferencialmente a mulheres, mas que são sistematicamente ilustrados com fotografias de mulheres⁹, não identificadas, muitas vezes mostrando expressões de dor e sofrimento¹⁰.

⁴ “Homem violou três vezes mulher no Pico” (AO, 12-4-2013), “Mulher morta na Lagoa do Fogo vai hoje a enterrar” (AO, 16-3-2013), “Condenado a onze anos por abusar de duas filhas” (AO, 24-2-2013), “Família espera há um ano para enterrar mulher” (AO, 22-2-2013).

⁵ “Polícia condenado a dez anos de cadeia por ter violado enteada” (CA, 19-3-2013), “Mulher vai hoje a enterrar na Bretanha. Quase um ano depois de ser assassinada” (CA, 16-3-2013), “PSP deteve homem na Lagoa por bater na mulher” (CA, 8-3-2013), “Espanha: Polícia prende 19 por exploração de mulheres” (CA, 21-2-2013), “Homem preso por bater na mulher diante dos filhos” (CA, 16-2-2013).

⁶ “Empregada doméstica furta 35 mil euros guardados em cofre” (AO, 25-2-2013).

⁷ “Duas mulheres escalavam casas para roubarem ouros” (CA, 6-4-2013), “Brasileira é presa por torturar e embriagar filhos de três e cinco anos” (CA, 23-2-2013).

⁸ “Há em média treze novos cancros pediátricos por ano nos Açores” (CA, 20-2-2013), “Vírus da família do herpes: identificados genes que controlam a activação” (CA, 20-2-2013), “Diálise diária oferece benefícios mas também riscos aos utentes” (CA, 15-2-2013).

⁹ “Desregulação do ritmo circadiano associado a obesidade, diabetes e doença cardíaca” (CA, 12-3-2013), “Constipações: o que dita uma maior susceptibilidade” (CA, 27-2-2013), “Insónias frequentes duplicam risco de ataque cardíaco” (CA, 24-2-2013), “Traços de personalidade estão associados à capacidade energética” (CA, 23-2-2013), “Dieta afecta os padrões de sono” (CA, 17-2-2013).

¹⁰ “Acidente vascular cerebral: dispositivo ajuda no diagnóstico” (CA, 21-3-2013),

Uma das rubricas em que as mulheres assumem mais protagonismo é a “Sociedade”, nomeadamente em notícias que se relacionam com figuras famosas do meio social português. No *Correio dos Açores*, há uma secção designada “Divulgação” que é, a maior parte das vezes, protagonizada por mulheres conhecidas do meio artístico e televisivo. Esta é uma rubrica ocupada com as chamadas *soft news*, notícias leves, sem grande relevância para a vida do leitor. São pequenos apontamentos da vida social cujo objectivo é noticiar *faits divers* sobre figuras famosas. É sintomático o desequilíbrio que se verifica neste jornal entre a pouca centralidade da mulher nas *hard news* (notícias sobre os assuntos considerados sérios, como a política e a economia) e a grande quantidade de vezes em que ela surge na rubrica “Divulgação”. Ainda que essa possa não ser a intenção do jornal, certo é que predomina a imagem estereotipada da mulher como agente activo na área do social (exposição da vida privada, presença de famosos em festas, inaugurações) e pouco relevante no que às questões importantes diz respeito. Disso são exemplo as notícias em que se fala do pesadelo que vive Elizabeth Hurley¹¹, da homossexualidade assumida por Daniela Mercury¹², da conversão de Kate Middleton ao escutismo¹³, da recuperação, por Micaela, das suas “formas perdidas”¹⁴ e da exibição, por Dita Von Teese, do seu vestido 3D¹⁵, entre muitos outros.

Também as fotografias que ilustram esta secção diferem das demais representações da mulher neste jornal, dado que se trata sistematicamente de fotografias de corpo inteiro, geralmente em *toilette* de noite ou de cerimónia, em que a mulher está a posar para a fotografia, muitas vezes com um ar mais erotizado. Apesar de tudo, nenhum dos jornais explora a nudez do corpo feminino, tentação a que alguns *tablóides* recorrem para atrair o público masculino.

A Centralidade da Mulher nas Notícias

Como temos vindo a observar, a mulher comum raramente assume um lugar central no texto noticioso. Nos números estudados, destacam-se apenas uma notícia do *Açoriano Oriental*, de 15 de Fevereiro, que aborda a presença de uma jovem num mundo de homens – o das cantigas ao desafio – e cinco do *Correio dos Açores*.

“Depressão e doença cardíaca estão associadas” (CA, 26-2-2013), “Dor crónica reduz capacidade de memória” (CA, 15-2-2013).

¹¹ “Elizabeth Hurley vive pesadelo” (CA, 14-4-2013).

¹² “Daniela Mercury assume homossexualidade” (CA, 5-4-2013).

¹³ “Kate Middleton “vira” escuteira” (CA, 31-3-2013).

¹⁴ “Micaela recupera formas perdidas” (CA, 31-3-2013).

¹⁵ “Dita Von Teese exhibe vestido 3D” (CA, 9-3-2013).

A notícia do *Açoriano Oriental*, com a chamada de capa “Jovem desafia homens no mundo das cantigas” (AO, 15-2-2013), a foto, em grande plano, da jovem, e o próprio verbo usado (“desafiar”), colocam a mulher numa posição de poder e de transgressão, já que ela é apresentada como alguém que põe em causa a tradição que reserva aos homens o cantar ao desafio. Esta notícia apresenta no jornal um lugar de grande destaque, já que surge logo na segunda página, na secção “Regional” (geralmente dedicada à política ou a notícias regionais), ocupando todo o espaço disponível. Apesar de o título da notícia não sublinhar a presença feminina e se aplicar a todos os cantadores mencionados e citados (“O dom de cantar ao desafio surgiu de ‘forma espontânea’”), grande parte do texto é dedicado a esta presença feminina num meio normalmente dominado por homens e a fotografia mostra a jovem em actuação, em palco com um homem. O *super-lead* sublinha o facto de ser “uma jovem terceirense que está a competir num mundo de homens”, apontando deste modo para o carácter de confronto profissional deste universo de cantadores específicos no qual a jovem se procura integrar. A legenda reforça ainda a especificidade e a excepcionalidade da situação, nomeadamente o facto de Maria Clara Costa ser “hoje a única mulher nos Açores a cantar ao desafio”. A notícia é construída a partir da explicação do processo de formação de um cantador ao desafio e, apesar de serem referidos outros indivíduos que se dedicam a esta arte, é a esta mulher que é dado mais espaço, sendo sintetizado o seu percurso na área desde tenra idade (“aos 12 anos”). A jornalista sublinha a forma intrépida como Maria Costa se estreou neste meio: “sem receio ou preconceito”. É dada voz activa à artista, que sublinha a receptividade que teve por parte do povo. São ainda referidas as muitas viagens que ela faz regularmente à diáspora, as quais tem de conciliar com os estudos. Assim, esta notícia ganha relevo no cômputo geral das que foram analisadas, não só por dar protagonismo a uma mulher mas também por colocar em evidência o facto de esta jovem romper, de uma forma determinada, com o estereótipo do cantador masculino e conseguir singrar e ser aceite tanto pelos seus pares, como pelo público.

Ainda no *Correio dos Açores* encontramos mais cinco peças jornalísticas em que a mulher assume o papel de protagonista, desta vez como agente na esfera doméstica, já que, em alguns dos casos retratados, toma a iniciativa no sentido de garantir a sua sobrevivência e a da sua família. Em três das peças a acção da mulher destaca-se pela positiva, usando meios legítimos de intervenção (“Duas irmãs compram porcos a meias para sobreviverem” e “Mulher ameaça dormir na Câmara de Vila Franca”); nas outras duas peças, trata-se de casos de criminalidade (“Duas mulheres escalavam casas para roubarem ouros” e “Brasileira é presa por torturar e embebedar filhos de três e cinco anos”).

As “duas irmãs” referidas na primeira peça – uma reportagem – surgem a par de figuras masculinas, dando todos o seu testemunho acerca das suas estratégias de sobrevivência. O protagonismo das duas irmãs já idosas resume-se à manchete de primeira página com o título citado acima (“Duas irmãs compram porcos a meias para sobreviverem”), com a foto de uma delas. No texto da reportagem, de duas páginas (intitulado “À procura de Água Retorta perdida na

paisagem”), uma delas descreve as estratégias de sobrevivência de ambas (a outra nunca assume a palavra), enquanto é introduzida uma outra interveniente, desta feita uma jovem de 22 anos, que faz o contraponto entre as diferentes classes etárias. A par da voz que é dada a estas duas mulheres – e ocupando sensivelmente o mesmo espaço –, há os testemunhos masculinos, mais virados para o comentário conjuntural, já que fazem o ponto da situação em termos de comércio, agricultura, pescas, infra-estruturas e envelhecimento populacional. Concluimos, assim, que os homens entrevistados na reportagem não se limitam a mencionar os seus casos particulares, mas transcendem o ambiente doméstico, procurando referir razões para a crise geral, o que vai ao encontro do que se disse atrás a propósito de as mulheres estarem sempre mais conotadas com a esfera doméstica. Ou seja, no caso das mulheres retratadas na reportagem, é mais acentuada a personalização, a importância do caso particular, enquanto que os homens transcendem, através do seu próprio discurso, esta tendência para a centralidade no indivíduo, uma vez que alargam o âmbito da temática para um contexto mais globalizante. Em termos de imagem, predominam os homens (com duas fotografias), havendo apenas uma fotografia de uma das duas irmãs e uma outra fotografia ilustrativa da freguesia de que se fala.

Três destas notícias do *Correio dos Açores* são apenas curtas e nelas a mulher surge representada de modos diversos. Na peça “Mulher ameaça dormir na câmara de Vila Franca” (19-3-2013) a notícia resulta da iniciativa da própria mulher, que escreveu uma “carta aberta aos jornalistas” explicando a situação precária em que vive. O texto com o título “Mulheres assaltavam e guardavam o material nas suas residências” (6-4-2013) é uma notícia de agenda (cujas fontes são o Comando Regional da Polícia de Segurança Pública) que se limita a fazer uma listagem dos actos de furto perpetrados, aliás, em ilhas diferentes (S. Jorge e Terceira). Em consonância com isto, no primeiro caso temos a identificação da mulher em causa, a qual assume muitas vezes o discurso ao longo da notícia e surge bem identificada numa fotografia de grande plano, enquanto no segundo caso não há nem identificação das mulheres, nem fotografias das mesmas, sendo apenas apresentada uma imagem do material roubado.

Já a notícia sobre a mulher brasileira que torturou os filhos destaca-se das que já analisámos por estar inserida na secção “Internacional” e, portanto, ter como protagonista uma mulher que não pertence ao meio açoriano, o que é destacado no título, que a identifica pela nacionalidade (“Brasileira é presa por torturar e embriagar filhos de três e cinco anos”, CA, 23-2-2013). A escolha desta notícia tem como única explicação o facto de ser um caso de extrema violência, relativamente raro, e que portanto eventualmente atrairá mais a atenção do leitor. São, assim, a negatividade e a frequência os critérios de noticiabilidade que estão subjacentes a esta opção, como se pode verificar pela insistência, ao longo da notícia, na descrição minuciosa dos actos de tortura perpetrados por esta mãe. Deste modo, ela assume protagonismo enquanto excepção à regra, a de que as mães protegem naturalmente os filhos, inclusive com a própria vida. Aliás, o final da notícia corrobora a excepcionalidade deste

crime, ao referir que “o ‘código de honra’ do mundo do crime não aceita agressões contra crianças, principalmente se infligidas pela mãe ou pelo pai”.

A quinta peça considerada é uma reportagem e distingue-se das restantes por ser a que dá um total protagonismo às mulheres retratadas, num texto bastante longo (duas páginas). Ao contrário da reportagem, atrás referida, sobre as estratégias de sobrevivência da população em Água Retorta, esta centra-se exclusivamente em duas irmãs acamadas, portadoras de deficiência, que procuram ter um quotidiano o mais regular possível, dedicando-se ao artesanato como modo de subsistência. A própria titulação aponta para a centralidade das duas mulheres: a chamada de capa nomeia-as individualmente – “Florinda e Carmélia fazem tudo a partir da cama” (CA, 17-3-2013) – o subtítulo (também na capa) sublinha a classe etária a que pertencem (“Duas jovens que levam o mundo a sua casa”), e ambos são acompanhados por uma imagem, a cores, de uma das intervenientes. Inserindo-se na tipologia dos chamados “casos de vida” (para o que aponta, aliás, o antetítulo “Uma história que emociona e um exemplo de que a vida é única”), a reportagem é toda construída à volta da descrição do dia-a-dia de Florinda e Carmélia, tendo como base os testemunhos de ambas. Há uma evidente personalização, que é acentuada pelo tom emotivo e altamente subjectivo que o jornalista imprime ao discurso (é recorrente o recurso à adjectivação onde pontuam vocábulos como “espantoso”, “surpreendente”, “impressionante”, “admirável”, etc.), procurando sublinhar sempre este “caso de vida” como um exemplo, para os leitores, de persistência e de capacidade de luta com vista a superar os mais difíceis obstáculos e a alcançar objectivos definidos. Num registo que reflecte reiteradamente a admiração que o jornalista nutre pelas duas jovens, é dado relevo ao espírito de iniciativa destas, surgindo ainda uma terceira figura feminina, a mãe, como um suporte indispensável à vida delas. No entanto, a mãe é apenas referida num pequeno parágrafo e não é citado o seu testemunho; o jornalista limita-se a classificar o modo como ela encara a situação (com o recurso ao advérbio de modo “sofridamente”) e a descrever, em discurso metafórico, o cuidado que ela tem com as filhas: “trata das suas filhas como mimosas flores de um jardim árduo e difícil que Deus lhe deu para tratar com todo o carinho”. A centralidade que elas assumem em toda a reportagem é confirmada pelas fotografias: quatro ao todo, sendo duas de cada uma das irmãs e outras duas de peças de artesanato elaboradas por elas.

É, portanto, irrefutável o facto de as mulheres em cinco destas peças jornalísticas assumirem voz e se revelarem agentes mobilizadoras das suas vidas, actuando para as tentarem modificar. No entanto, quer na notícia do *Açoriano Oriental* sobre a cantora ao desafio, quer na reportagem do *Correio dos Açores* sobre as condições de vida em Água Retorta as mulheres não surgem totalmente sozinhas; elas partilham o protagonismo com os homens que também são referidos nas peças, cuja voz é igualmente citada demoradamente. Apenas na reportagem sobre as duas irmãs portadoras de deficiência e nas curtas sobre actos de criminalidade o palco é dado somente às figuras femininas.

Para além destas excepções que acabamos de analisar, muito poucas vezes a mulher assume voz activa nas notícias analisadas. Quando muito, ela aparece

pontualmente como fonte, dando o seu testemunho, ou como imagem, por vezes ilustrando uma peça que não tem propriamente uma relação directa com o universo feminino.

A Edição Especial do Dia Internacional da Mulher

No conjunto das publicações analisadas, ganham especial relevo as edições do dia 8 de Março, comemorativas do Dia Internacional da Mulher. Ambos os jornais dedicam rubricas especiais a esta efeméride, mas o tratamento dado ao tema é distinto, como o atestam os géneros escolhidos: o *Açoriano Oriental* opta por uma reportagem, enquanto o *Correio dos Açores* publica uma notícia de meia página e preenche o resto do espaço (quatro páginas) com artigos de opinião.

Numa reportagem de duas páginas sobre o assunto, o *Açoriano Oriental* compara os testemunhos contrastantes de duas mulheres da mesma geração (50 anos) mas com experiências diferentes de vida, sendo uma delas alguém que sempre teve uma profissão fora de casa e a outra uma doméstica por opção. A peça sublinha o facto de estas duas mulheres terem tido liberdade de escolha nos seus percursos de vida, para além de o testemunho da doméstica dar relevo às suas múltiplas ocupações em casa. Como complemento a esta personalização que põe em evidência duas mulheres emancipadas que puderam seguir livremente as suas opções de vida, esta reportagem não deixa de sublinhar o facto de ainda muito estar por fazer no campo da igualdade de género e no combate à discriminação da mulher. Fá-lo quer através de uma caixa em que se regista que a presença das mulheres nos conselhos de administração das maiores empresas portuguesas continua a ser residual (com o título “Mulheres ocupam apenas 6% nas administrações do PSI20”), quer através de uma entrevista, em texto corrido, a um sociólogo, na qual se acentua que “É necessária uma ‘consciência global’ para o direito das mulheres”.

Em termos de imagem, o *Açoriano Oriental* apostou numa extensa chamada de capa (de meia página) preenchida com seis fotografias de mulheres, enviadas pelas próprias leitoras, que responderam ao apelo do jornal. É curioso notar que cinco destas imagens representam a mulher no seu estatuto de mãe, uma delas mostrando uma grávida e as outras as mães acompanhadas pelos seus filhos, alguns ainda bebés. Apenas uma das fotos retrata uma mulher em postura possivelmente profissional, provavelmente falando para uma audiência, de pé, lendo uns papéis que segura na mão. Sendo estas imagens retratos escolhidos e enviados pelas próprias leitoras, podemos daqui deduzir que para muitas mulheres a sua identidade feminina passa ainda muito pela maternidade e pelo que esta significa para a mulher, conformando uma imagem tradicional da mulher como, acima de tudo, mãe e procriadora. Na reportagem, as duas mulheres que dão os seus testemunhos não são representadas fotograficamente; as duas páginas apresentam apenas uma fotografia de um grupo de mulheres num evento relacionado com a efeméride e a fotografia do sociólogo entrevistado.

O *Correio dos Açores* dedica quatro páginas ao Dia da Mulher, preenchidas com artigos variados, sendo que apenas um deles é uma notícia, que explica a génese desta efeméride e que apresenta esta secção como uma homenagem a todas as mulheres “que labutam pela dignidade na família, na sociedade e no trabalho”. Os restantes textos são oito artigos de opinião de mulheres (cada uma identificada com a respectiva fotografia) que se destacam em áreas como o ensino, a acção social, o jornalismo, o mundo empresarial e a arte (canto lírico), sendo comum a todos o questionamento sobre a pertinência do dia comemorado e o reconhecimento de que muito há ainda a fazer para que a discriminação seja completamente erradicada da nossa sociedade.

A Mulher em Esferas Específicas da Cultura

Do conjunto das notícias identificadas e analisadas, algumas destacam-se por se reportarem a manifestações específicas da cultura açoriana, tradicionalmente dominadas exclusivamente pelo homem. É o caso da peça “Jovem desafia homens no mundo das cantigas”, publicada no *Açoriano Oriental*, que analisámos acima.

Um outro domínio da cultura açoriana que é retratado como sendo claramente um espaço reservado ao sexo masculino é o dos romeiros que percorrem a ilha de São Miguel durante o período da Quaresma. Esta é uma tradição que desempenha um papel central na vivência açoriana da religião e ambos os jornais assinalam uma tendência recente para a participação de mulheres nestas romarias, através, não da criação de ranchos mistos, mas de grupos constituídos exclusivamente por mulheres. Este fenómeno é representado no *Açoriano Oriental* através de uma única fotografia a cores, de grandes dimensões, colocada na última página, de um rancho de romeiras, com a legenda “Fenais da Luz. Uma imagem bonita de mais de 700 mulheres romeiras que ontem se fizeram à estrada” (AO, 10-3-2013). O *Correio dos Açores* dedica duas notícias ao tema. A primeira, intitulada “Romeiras da Povoação partilham caminhada de fé” (CA, 14-3-2013), não tem o mesmo destaque no jornal que a relativa às cantigas ao desafio, já que é apenas uma curta em que não é dada voz a nenhuma mulher e surge apenas na oitava página da secção regional, ilustrada com uma fotografia das romeiras a caminhar. A segunda tem por título as afirmações de um romeiro, o que acentua a novidade da situação: “‘Não me escandaliza nada ver uma mulher num rancho de homens’. Carlos Costa, mestre do rancho de romeiros de São Pedro que ontem saiu em romaria pela ilha de São Miguel” (CA, 17-2-2013).

Conclui-se assim que há duas áreas da cultura açoriana que são dominadas tradicionalmente pelos homens – as cantigas ao desafio e os romeiros – e os dois jornais sublinham isso, mas também mostram como há uma tentativa por parte de algumas mulheres de penetrarem nesses domínios, embora esta seja ainda vista como uma situação que foge à normalidade.

Considerações Finais

A mulher é assim retratada por estes dois jornais como estando sobretudo associada à esfera doméstica, enquanto representante e protectora da família, embora seja já notória a sua participação na vida pública, como o testemunham o número de artigos em que detentoras de cargos públicos assumem maior protagonismo. Ela surge igualmente como tendo uma intervenção importante nas peças do âmbito da “Sociedade”, nomeadamente nos *faits divers* sobre figuras famosas. Curiosamente, a mulher é igualmente associada à área da saúde, seja como representante das profissões, seja como paciente. Em contrapartida, constatamos que raras são as notícias em que a mulher assume o papel de criminosa, sendo, pelo contrário, tendencialmente apresentada nos dois jornais como uma vítima do homem.

Segundo Margaret Gallagher (2001: 5), uma das evoluções que os estudos sobre as representações dos géneros nos meios de comunicação social têm detectado, dos anos 70 até hoje, é uma maior heterogeneidade nas representações da mulher: “Although greater diversity in images of women and men is recorded in contemporary studies, research also shows that new and highly sexist depictions of female characters now co-exist alongside more unconventional roles for women.” O nosso estudo confirma esta tendência, como o atestam as peças noticiosas sobre a presença inédita de mulheres em ambientes tendencialmente masculinos, quer nas cantigas ao desafio, quer nas romarias que decorrem na ilha de S. Miguel durante a Quaresma. Esta tendência pode, aliás, ser perspectivada como um indício das transformações que o papel da mulher tem sofrido no Arquipélago dos Açores, podendo afirmar-se que a mulher açoriana tem revelado um nível de emancipação cada vez mais elevado. Um sinal dessa emancipação é a publicação mensal, no *Açoriano Oriental*, do suplemento “Nas Asas da Igualdade”, da responsabilidade da UMAR-Açores (União de Mulheres Alternativa e Resposta). Hoje, na sociedade açoriana, são muitas as mulheres que assumem cargos cimeiros quer no Governo Regional, quer na Administração Pública, bem como nas mais diversas associações e instituições públicas e privadas. Muitas são também as que se destacam pela sua prestação excepcional em áreas como o desporto, a ciência e a arte. Como procurámos demonstrar, a comunicação social açoriana tem reflectido esta evolução, sendo de sublinhar, contudo, que estas mudanças sociais se operam gradualmente, o que explica que, a par de uma representação da mulher açoriana como protagonista dos acontecimentos e com um papel social interventivo, se encontrem ainda figurações do mundo feminino tradicional, no qual a mulher não tem lugar de destaque no espaço público, movendo-se apenas na esfera privada do lar.

Obras Citadas

- Cerqueira, C. (2010). “A visibilidade do Dia Internacional da Mulher na agenda mediática nacional”. *Quem tem medo dos feminismos: Actas do Congresso Feminista 2008*. Funchal: Nova Delphi, v. 1: (pp. 77-87).
- (2008) “A imprensa e a Perspectiva de Género. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher” in *Obercom*, Revista do Observatório da Comunicação, nº5. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/issue/view/11>
- Cerqueira, C. & Cabecinhas, R. (2012). “Políticas para a igualdade entre homens e mulheres nos *media*: Da (inov)ação legislativa à mudança social” in *Ex Aequo*, 25.
- Cunha, I.-F., Policarpo, V., Monteiro, T. & Figueiras, R. (2002). “*Media* e discriminação: Um estudo exploratório do caso português” in *Obercom*, Revista do Observatório da Comunicação, n.º 5, Maio de 2002. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/issue/view/11>
- Gallagher, M. (2001). *Gender setting: New agendas for media monitoring and advocacy*. London: Zed Books.
- Lobo, P. & Cabecinhas, R. (2007). “As mulheres nas notícias televisivas: Metodologia para uma análise crítica das representações sociais de género” in *Actas do 5.º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Monteiro, T. L. & Policarpo, V. M. (2002). As mulheres nos media portugueses: Um estudo exploratório. <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/03/monteiro-teresa-policarpo-veronica-mulheres-nos-media-portugueses.pdf>
- Mota-Ribeiro, S. (2005). *Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino*. Porto: Campo das Letras.
- Nações Unidas. (2003). Participation and access of women to the media, and information and communication technologies and their impact on and use as an instrument for the advancement and empowerment of women. Aide Mémoire. <http://www.un.org/womenwatch/daw/egm/media2002/>
- Pinto-Coelho, Z. & Mota-Ribeiro, S. M. (2005a) “O acesso das mulheres ao discurso da imprensa portuguesa” in *Actas do IV Congresso da SOPCOM, Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação*.
- (2005b). “Imagens de mulheres na imprensa portuguesa” in *Actas do IV Congresso da SOPCOM, Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação*.
- Silveirinha, M. J. (2009). “De como tanto mudou e como tanto ficou na mesma” in Silveirinha, M. J. (Org.). *Género, Media e Espaço Público*, Revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo, n.º 15, vol. 8: (pp. 7-11).
- (Org.) (2004). *As mulheres e os media*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Van Zoonen, L. (1994). *Feminist Media Studies*. London: Sage Publications.